

A Mesa da Palavra explicada

Pároco P. e Vasco Soeiro

Domingo XX do Tempo Comum – Ano A – 16.08.2026

1ª leitura – Isaías 56,1. 6-7

Salmo – Salmo 66 (67)

2ª leitura – Romanos 11, 13-15.29-32

Evangelho – Mateus 15, 21-28

Uma questão de [i]limites

Caríssimos irmãos e irmãs em Cristo, a Igreja celebra hoje o XX Domingo do Tempo Comum. A liturgia da palavra por nós escutada e refletida aponta-nos caminhos ilimitados de amor divino, que se ultrapassa a Si mesmo para que o outro se sinta amado, salvo, curado.

Talvez todos tenhamos ficado surpreendidos não só com o comportamento dos Apóstolos, que pretendem apenas livra-se de uma pessoa incómoda, como especialmente com o de Jesus Cristo, que parece «querer permanecer rigidamente nos limites da sua missão» (MARTINI, Carlo Maria, *Tomados de Assombro*, p.71).

Uma mulher encontra-se no lugar do desespero existencial, no sentido da iminente perda da sua filha muito amada. No entanto, ela tem algo no seu interior, uma força que se faz ouvir, um silêncio que se torna audível... E dá um grito: «E eis que uma mulher cananeaia, que saíra daquelas cercanias, clamou [gritou], dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada» (Mt 15,22).

Antes de sermos capazes de retirar algumas ilações, proponho que aprofundemos um pouco o sentido deste verbo GRITAR. O verbo grego *κράζω*, no evangelho de S. Mateus, é utilizado por 12 vezes: 9 vezes encontra-se ligado a alguém que reconhece a identidade divina de Jesus Cristo (cf. Mt 8,29;9,27;14,26;14,30;15,22;20,30;20,31; 21,9;21,15); uma vez aparece associado aos discípulos que querem ver-se livres de um incomodo, procurando separar o que deve ser unido (Mt 15,23); uma única vez em que é utilizado numa situação de separação humana e afetiva para com Jesus, diríamos que uma traição do próprio povo de Deus que condena à morte o Filho de Deus (Mt 27,23); uma vez em que é o próprio Jesus Cristo quem grita, ao confiar-se totalmente nas mãos de seu Pai (Mt 27,50).

Facilmente podemos concluir que, predominantemente, o verbo GRITAR é aplicado no sentido de um RECONHECIMENTO da identidade divina de Jesus, uma afirmação de fé. Contudo, não deixa de ser curioso que este reconhecimento surja primeiramente pela voz daqueles que se encontravam separados de Deus, seja por estarem possuídos pelo demónio ou por serem não povo de Deus (estrangeiros), e que também seja o próprio povo eleito de Deus a gritar pela condenação de Jesus.

Sintetizando, à ação de GRITAR associamos habitualmente algo de ruidoso. Todavia, nesta ação encontram-se implicadas dinâmicas básicas, mas essenciais de qualquer um de nós, no sentido comunicativo-relacional. Para gritarmos precisamos de respirar e de cordas vocais. Isto significa que sem respiração não há grito. Ora, no Antigo Testamento a palavra que traduz esta respiração denomina-se *nefesh*. Nela estão implicadas a ação de respirar, mas também todo o ser. Este vocábulo abrange igualmente o significado da alma, de princípio vital. Podemos dizer que nesta ação natural se exprime uma sede salvação (cf. RAVASI, Gianfranco – *O Grande Encontro*, p. 104; 107). Só deste modo compreendemos o grito da mulher cananeia.

Penso que em muitas situações da nossa vida somos tentados a dar um grito de não adesão a Cristo (condenação), como o povo eleito (cf. Mt 27,23): nas falsas ilusões e contrariedades, na violência corporal, psicológica ou moral, no abandono, etc.

Quem de nós nunca sentiu o desejo de gritar: Senhor basta, não aguento mais, estou cansado de sofrer, a minha vida não faz sentido, ou outras expressões...

Temos de pedir constantemente a graça ao Senhor que todos os nossos gritos sejam atos de fé pessoal e comunitária, pois depende de cada um de nós, contudo é sempre uma história não individualista, relacional comunitária, constitutivamente eclesial (cf. MANICARDI, Luciano – *viver uma fé ADULTA*, p. 74). Por isso ao iniciar cada Eucaristia em assembleia pedimos «Kyrie eleison», “Senhor, tem piedade de nós / faz-nos GRAÇA”.

Podemos agora afirmar que Jesus Cristo não só vai para além dos seus limites, como metodologicamente promove o crente a ir além dos seus próprios limites, promovendo perseverança e confiança.

Por outras palavras, diríamos que a fé não é um automatismo, mas sim uma conquista, traduzida e traduzível numa adesão firme e convicta, do dia-a-dia dos acontecimentos da vida concreta, uma proposta de salvação pela qual o próprio Deus ilimitado se faz limite para nos conceder o seu ilimitado AMOR.

Senhor, faz-nos GRAÇA – AMOR SEM LIMITES – pois sem ela não conseguimos estar no caminho do teu seguimento, irmos para além dos nossos pequenos limites, correndo o risco de não vivermos uma vida autêntica. Ensina-nos a gritar as nossas alegrias, tristezas, dores e trabalhos. Um grito que esteja em verdadeira sintonia (condição de concordância, equilíbrio e reciprocidade entre duas partes) com Aquele que afirma «Tu és meu Filho» (cf. Hebr 5,6). E esse filho é Jesus Cristo, autêntico lugar de fé, esperança e caridade.